

Boa Nova para cada dia / novembro 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo Comum – *Todos os Santos (Solenidade) / Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos / Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo (Solenidade)*

Qui, 1 – TODOS OS SANTOS (Solenidade)

Ap 7, 2-4.9-14 / Slm 23 (24), 1-6 / 1 Jo 3, 1-3 / Mt 5, 1-12a

Hoje a Igreja celebra a solenidade de *todos os Santos*. Mas quem são, afinal, os santos? S. Paulo, nas suas cartas, escreve a comunidades cristãs concretas, a homens e mulheres que vivem nas primitivas comunidades cristãs. Pessoas normais, com as suas dificuldades, alegrias e tristezas, que, tal como todos nós, hoje, trabalhavam para se sustentar.

S. Paulo chama-lhes santos. Por exemplo: «A todos os *santos* que vivem na cidade de Filipos...» (*Fil* 1, 1). Ou então: «Aos *santos* e fiéis em Cristo Jesus que estão em Éfeso» (*Ef* 1, 1). Ou: «Aos *irmãos* em Cristo, *santos* e fiéis, que vivem em Colossos...» (*Col* 1, 2); Ou ainda: «A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados *santos*...» (*Rm* 1, 7). Os santos, para S. Paulo, são aqueles que seguem Jesus Cristo, são os discípulos do Senhor: os que já estão na Glória e

os que ainda caminham sobre esta terra em direção ao Pai.

A festa que hoje celebramos é sobretudo a festa de todos nós, a festa de todos os que querem seguir o Senhor. É a festa dos cristãos! É a festa em que tomamos consciência de que Deus feito homem nos dá o grande dom da santidade. Esta não é fruto exclusivo do nosso esforço heroico, não é uma coisa reservada a um grupo restrito de homens e mulheres com qualidades muito especiais, mas é dom de Deus. Só Ele é santo! Ele é o Santo! Nós, todos nós, somos chamados a participar da santidade d'Ele. Ser santo é, enfim, ser de Deus. É saber que nas lutas e nos sofrimentos da vida de cada dia Deus está presente. É saber que Ele quer que sejamos felizes já sobre esta terra. Ele quer tanto a nossa felicidade que Se faz um de nós para nos salvar.

Fazendo-Se um de nós, mostrou-nos o caminho. O Evangelho de hoje é uma espécie de autobiografia de Jesus: mostra-nos como Ele viveu. Poderíamos, então, resumir esta passagem nestas palavras: «Sereis felizes se viverdes assim como Eu vivi». O texto das *bem-aventuranças* indica o caminho de cada homem e de cada mulher, aponta a meta para a qual todos queremos caminhar, a nossa realização e a realização da própria história que se cumpre em Jesus Cristo.

Mas cuidado para não pensar nas *bem-aventuranças* como mais um conjunto de regras para cumprir: antes de mais, estas revelam-nos quem é Jesus Cristo e quem é Deus Pai. Mostram-nos como é a vida nova, a vida no Espírito Santo; mostram-nos o que faz o Amor na nossa vida; mostram-nos ainda o significado da comunidade cristã que é chamada a ser mani-

festação de Cristo no mundo. Até o sentido da história é revelado nesta passagem: a realização das *bem-aventuranças*, quando Deus será tudo em todos.

São bem-aventurados os pobres, não porque são pobres, mas porque deles é o reino dos Céus. São bem-aventurados os verdadeiramente pobres em espírito porque percebem que têm de livremente tratar dos irmãos, daqueles que não têm nada. E quando são felizes os pobres? Será esta felicidade o prémio na vida depois da morte? Não! Felizes já! Felizes agora! Seremos felizes se tomarmos conta uns dos outros, que é o que fazem aqueles que sabem nada ter de seu. Seremos felizes se ajudarmos os que mais precisam. E Cristo não diz: «serão felizes», mas diz: «Felizes os pobres em Espírito, porque deles é o reino dos Céus». Hoje. Aqui e agora, já sobre esta terra e também na vida eterna.

Sex, 2 - Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos

1ª Sexta-Feira

Job 19, 1.23-27a / Slm 26 (27), 1.4.7-8b.9a.13-14 / 2 Cor 4, 14 - 5, 1 / Mt 11, 25-30
2 Mac 12, 43-46 / Slm 102 (103), 8.10.13-4.15-16.17-18 / 2 Cor 5, 1.6-10 / Jo 11, 21-27
Is 25, 6a.7-9 / Slm 22 (23), 1-6 / 1 Tes 4, 13-18 / Jo 6, 51-58
... e as revelaste aos pequeninos. (Evang. da 1ª Missa)

E o que é ser pequeno? É ter o coração aberto na oração. Dizer palavras ao rezar não é suficiente. É preciso dizer palavras, com os ouvidos

abertos e o coração disponível para o que Deus nos quer dizer. E estarmos atentos às necessidades dos nossos irmãos. (O primeiro e o segundo mandamentos.) O leitor tome a frase de hoje e medite sobre ela, estando com o seu coração aberto ao Espírito Santo.

Sáb, 3 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM

1º Sábado

Filip 1, 18b-26 / Slm 41 (42), 2-3.5 / Lc 14, 1.7-11

Quem se exalta será humilhado. (Evang.)

Aqui estamos a jogar com dois mundos: a Terra e o Céu. Quem se exalta na Terra será humilhado no Céu, porque só uma pessoa que se humilha na Terra pode receber Deus. Não é uma pessoa que anda com a cabecinha baixa, é uma pessoa que se esvazia para receber Deus. Uma pessoa que se exalta na Terra, que se interpõe entre si e Deus, não se deixa a ela própria receber a Deus. Hoje, o leitor medite, reze sobre esta frase: «Jesus, ajuda-me a ser um vazio que só Tu enches».

Dom, 4 – DOMINGO XXXI DO TEMPO COMUM – Ano B

Deut 6, 2-6 / Slm 17 (18), 2-3.4.47.50-51ab / Hebr 7, 23-28 / Mc 12, 28b-34

Uma das características das pessoas que se amam e passam uma vida juntas é que a certo momento se apercebem de que gostam das mesmas coisas, que ao longo da vida se foram tornando cada vez mais semelhantes. Podem até chegar ao ponto em que falam muito pouco, não porque não têm nada para dizer, mas porque já não são precisas muitas palavras para se dizer tudo pois estão intimamente sintonizadas. Na verdade, *tornamo-nos naquilo que amamos.*

No Evangelho de hoje vemos como um escriba se aproxima de Jesus para O interrogar acerca do *mandamento* mais importante. Qual é a coisa verdadeiramente essencial, à qual não podemos, de maneira nenhuma, falhar? Jesus responde que a única coisa verdadeiramente essencial, isto é, o primeiro de todos os mandamentos é amar a Deus *com todo coração, com toda alma, com todo o entendimento e com todas as forças.* Este mandamento torna-se visível na nossa

vida concretizando-se num segundo mandamento que é *o amor pelos irmãos*. Não existe amor a Deus que não se manifeste como amor pelos irmãos.

Como é belo o nosso Deus que nos mostra o caminho para a salvação, isto é, para a nossa *divinização*, para sermos verdadeiramente filhos no Filho: *amando* tornamo-nos naquilo que amamos e o Senhor dá-nos como mandamento que *O amemos a Ele* sobre todas as coisas. Deus que nos pede, quase por favor: «Escuta, meu filho, ama-Me porque te Amo e amando-Me realizarás plenamente a tua vida». Ama e serás feliz!

Amar significa louvar, prestar reverência e servir. Louvar é o contrário de invejar, é alegrar-se pelo bem do outro; a reverência é perceber que a relação com Deus é essencial para a vida e não a querer

perder; servir é a atitude de fundo daquele que ama: colocar-se à disposição do amado com tudo o que se é e tem. Assim viveu Jesus e assim nos desafia a vivermos.

Amar é o fim para o qual somos criados; é para amar e ser amados que viemos ao mundo. Este mandamento do amor mostra-nos também quem é o Senhor: é aquele que somos chamados a Amar porque Ele é Amor. Se amar é realmente o fim para o qual somos criados, o nosso pecado não é outra coisa que a falta de amor na nossa vida. Diz S. João que quem afirma amar a Deus, mas não ama o seu irmão é um mentiroso. Na verdade, o amor não está tanto nas palavras, mas antes nas obras. Por isso, amar a Deus sobre todas as coisas manifesta-se no amor pelos filhos do Deus que dizemos amar.

Seg, 5 – SEMANA XXXI DO TEMPO COMUM

Filip 2, 1-4 / Slm 130 (131), 1-3 / Lc 14, 12-14

... ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos. (Evang.)

Eu acho que é muito difícil amar sem se ser retribuído, porque normalmente somos retribuídos. Mas às vezes acontece. Quando trabalhamos sem nenhum *feedback*, estamos como que a amar sem ser retribuídos; não temos nenhuma reação do lado de lá. É como se trabalhássemos para o vazio. Aí conta o valor do trabalho, o amor que se põe no trabalho. Hoje, o leitor peça a Deus uma experiência de gratuidade.

Ter, 6 – S. NUNO DE SANTA MARIA (Memória)

Filip 2, 5-11 / Slm 21 (22), 26b-32 / Lc 14, 15-24

Ele, que era de condição divina (...), tornou-se semelhante aos homens. (1ª Leit.)

Jesus desceu do Céu e veio estar connosco. Veio – só – viver connosco durante trinta anos. Depois, cumpriu a sua missão durante três anos. Mas durante trinta anos esteve só connosco. Nós também, às vezes, temos que estar só com alguém e isso já é uma coisa ótima para esse alguém. Às vezes, a companhia faz muito. Mesmo uma companhia silenciosa. O leitor veja a quem deve fazer companhia.

Qua, 7 – SEMANA XXXI DO TEMPO COMUM

Filip 2, 12-18 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / Lc 14, 25-33

... quem de entre vós não renunciar a todos os seus bens, não pode ser meu discípulo. (Evang.)

Em que se traduzirá, na prática do dia a dia, pormos Deus acima dos nossos bens? (Porque, na prática, não somos chamados a renunciar a eles.) Eu volto a insistir que é na prática da esmola, que é na nossa generosidade para com os que precisam. O dinheiro das esmolas, da caridade é o dinheiro que damos a Deus. E, normalmente, é muito pouco, em relação aos nossos rendimentos. Nós não renunciámos a nada. Nem ao supérfluo. (Deus queira que eu esteja enganado.)

Qui, 8 – SEMANA XXXI DO TEMPO COMUM

Filip 3, 3-8a / Slm 104 (105), 2-7 / Lc 15, 1-10

Os publicanos e os pecadores aproximavam-se todos de Jesus... (Evang.)

E o texto diz que era para ouvirem Jesus. O texto não diz que era para mudarem de vida. É provável que fosse, mas o texto não o diz. Ora, não será que às vezes não queremos ouvir Jesus com medo de que Ele nos vá dizer alguma coisa que nos faça sofrer? Isso dá-se quando vamos ouvir Jesus já com um preconceito em relação ao que Ele nos vai dizer. Hoje, peçamos a Jesus para O ouvirmos sem ideias feitas.

Sex, 9 - DEDICAÇÃO DA BASÍLICA DE LATRÃO (Festa)

Ez 47, 1-2.8-9.12 / SIm 45 (46), 2-3.5-6.8-9 / 1 Cor 3, 9c-11.16-17 / Jo 2, 13-22
Deus é o nosso refúgio e a nossa força, auxílio sempre pronto na adversidade.
(Salmo)

Posso dizer ao leitor que já tenho experimentado isto na minha vida, apesar do meu pecado. Deus tem-me protegido, apesar do meu pecado. Deus não está à espera que sejamos santos para nos proteger, e os santos também tinham pecados. Mas a mim parecia-me que tinha de atingir determinado grau de virtude para Deus me proteger. O salmo, porém, lá diz: «sempre pronto». E assim é. O leitor não o sente?

Sáb, 10 - S. LEÃO MAGNO (Memória)

Filip 4, 10-19 / SIm 111 (112), 1-2.5-6.8a.9 / Lc 16, 9-15
... quereis passar por justos aos olhos dos homens, mas Deus conhece o vosso coração. (Evang.)

Querer passar por justo aos olhos dos homens não é mau desde que o sejamos também aos olhos de Deus. Só que não podemos estar dependentes da opinião dos homens. Temos de ter uma linha de conduta – e de opinião – alinhada com a nossa Igreja. (Tanto os leigos como os sacerdotes.) E dar um testemunho de pessoas esclarecidas. Uma boa base é a encíclica e as exortações apostólicas do Papa Francisco.

Dom, 11 - DOMINGO XXXII DO TEMPO COMUM - Ano B

1 Reis 17, 10-16 / SIm 145 (146), 7-10 / Hebr 9, 24-28 / Mc 12, 38-44

Na vida, que mestre escolhemos seguir? Podemos estar mais ou menos conscientes disso, mas todos nós seguimos mestres ou, se preferirem, ideais de vida. Para todos nós existe, com certeza, alguém para quem olhamos com

um respeito especial, reconhecendo a sua autoridade.

O Evangelho deste Domingo apresenta-nos dois tipos possíveis de *mestres* que podemos escolher seguir na vida: um representado pelos escribas e outro pela *viúva*

pobre. Os escribas seguem, na verdade, o culto da própria imagem. Adoram ser reconhecidos como homens de bem e cumpridores zelosos da lei de Deus. Amam-se a si mesmos e acabam por subverter tudo ao culto de si mesmos. Como são ricos, dão daquilo que lhes sobra e fazem grandes ofertas ao Templo, sempre diante de todos, para serem reconhecidos e louvados. Usam o Senhor para aparecer: são imagem de um pecado que a todos pode tentar: o pecado do protagonismo, o pecado de querermos ser a estrela, o pecado de meter o próprio «eu» no lugar de Deus. O mais grave é que acabamos por adorar a nossa própria vontade, mascarando-a de «vontade de Deus», deixamo-nos possuir pelo orgulho e acabamos até por nos considerar *bons porque «até somos de Cristo»*.

Por outro lado, o Evangelho apresenta-nos a *Viúva Pobre*, que, «*na sua pobreza, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver*». No original grego vem escrito que ela *oferece «toda a sua vida inteira*». Esta mulher, sozinha, pobre, humilde e discreta oferece *toda a sua vida*. Ela é verdadeiramente como Jesus que Se oferece totalmente. Ele que, sendo Deus, faz-Se um de nós, abdica da sua condição divi-

na e faz-Se o último de todos nós. Sendo Deus, faz-Se servo de todos por amor. Esta mulher é habitada pelo mesmo Espírito de Jesus e nela podemos ver o Senhor. Através dela, é o mesmo Espírito Santo que fala; das suas ações, fica-nos o perfume de Jesus.

Ela não faz discursos, não se irrita se alguém não cumpre a lei, não se ofende se não reparam na sua oferta: pelo contrário, está (muito justamente) convencida que a sua oferta é insignificante. Sabe que, diante do Amor de Deus, a sua oferta é muito pequenina, mas sabe também que de Deus Lhe chegam todos os bens e que ela própria vem de Deus e a Deus regressa. Está consciente de que só n'Ele está a certeza da Vida e de que tudo o que se oferece a Deus regressa purificado e transformado pelo Amor. Por isso, a ela, que dá tudo, tudo lhe será dado; a ela, que oferece a sua vida, Lhe será dada a Vida.

Os escribas, ricos e convencidos da própria justiça, dão do que lhes sobra. Têm a sua segurança nos bens que possuem. Convencidos que são bons, exigem ser tratados com respeito. Do alto do seu orgulho, querem os primeiros lugares nos banquetes, querem o reconhecimento pelo bem que fazem. Como

estão convencidos que se bastam a si mesmos e acham que não precisam de ninguém, dão a Deus só aquilo que lhes sobra. Pode até ser muito dinheiro, mas é o que lhes sobra. Não oferecem vida, só dinheiro. Recebem a recompensa do dinheiro sendo reconhecidos nas praças públicas e tendo os primeiros lugares nos banquetes.

Nestes dois exemplos, o Senhor bem nos diz que temos de fugir do exemplo dos escribas. Estes

são os falsos mestres da aparência. Somos convidados a olhar para esta viúva pobre que, na verdade, até preferíamos ignorar, mas é o exemplo do verdadeiro discípulo. Temos de escolher qual mestre seguir. Temos de escolher o que queremos dar ao Senhor. Ele desafia-nos a amá-Lo, isto é, a entregar-Lhe a nossa vida, na certeza de que *tudo* o que Lhe entregamos nos será devolvido purificado pelo Amor.

Seg, 12 - S. JOSAFAT (Memória)

Tito 1, 1-9 / Slm 23 (24), 1-2.3-4ab.5-6 / Lc 17, 1-6

É inevitável que haja escândalos; mas ai daquele que os provoca. (Evang.)

Jesus não condena o escândalo. Acha-o inevitável. Condena o prevaricador. Nós, algumas vezes, não condenamos o prevaricador para abafar o escândalo. Entendemos que o escândalo é de evitar e o prevaricador pode ser desculpado. Ou condenamos o prevaricador secretamente e sem consequências públicas. Caro leitor, hoje rezemos pela pureza dentro da Igreja.

Ter, 13 - SEMANA XXXII DO TEMPO COMUM

Tit 2, 1-8.11-14 / Slm 36 (37), 3-4.18.23.27.29 / Lc 17, 7-10

Dizei: «somos inúteis servos: fizemos o que devíamos fazer». (Evang.)

Nós servimos gratuitamente, mas não somos completamente inúteis. Se fizermos o que devíamos fazer já é ótimo. Quem faz o que devia fazer? Os santos? Hoje perguntemos a Deus o que devíamos fazer mais? Ou talvez menos. A algumas personalidades, o que custa é fazer menos para se fazer alguma coisa mais importante. Caro leitor, veja isso com Deus.

Qua, 14 – SEMANA XXXII DO TEMPO COMUM

Tit 3, 1-7 / Slm 22 (23), 1-3a.3b-4.5.6 / Lc 17, 11-19

Conservando-se à distância... (Evang.)

Os leprosos tinham que se manter à distância porque faziam mal a quem estivesse perto deles. Todos nós temos alturas em que, se nos aproximarmos do outro, lhe fazemos mal. Às vezes, é uma conversa a dizer mal de alguém. Outras vezes, é uma gaffe. Outras vezes, somos uma tentação para o outro: quantas vezes não se impinge comida a uma pessoa que está de dieta, dizendo que «hoje é dia de festa»? Hoje, peçamos a Deus a graça de não fazermos mal ao nosso próximo e lembremos algumas ocasiões concretas.

Qui, 15 – SEMANA XXXII DO TEMPO COMUM

Flm 7-20 / Slm 145 (146), 7-10 / Lc 17, 20-25

O reino de Deus não vem de maneira visível (...); o reino de Deus está no meio de vós. (Evang.)

E, portanto, estamos todos a contribuir para o Reino. É importante termos esta perspectiva porque nos dá a visão de funcionarmos em rede e não de termos uma religião que é só Deus, eu e a missa dos domingos. É importante que nos lembremos da comunhão dos santos, que nos lembremos de tudo o que nos une neste corpo místico de Cristo que é a Igreja. Hoje, o leitor reze pela construção do Reino.

Sex, 16 – SEMANA XXXII DO TEMPO COMUM

2 Jo, 4-9 / Slm 118 (119), 1-2.10-11.17-18 / Lc 17, 26-37

Quem procurar salvar a vida há de perdê-la. (Evang.)

Quem não andar ansiosamente à procura da vida, encontra-a. Temos de nos lançar para fora de nós, temos de deixar de olhar (ainda) tanto para nós e sermos muito mais soltos, soltarmos mais o passo para chegarmos mais longe. Levantarmos a cabeça. Não podemos andar devagarinho e de cabeça baixa. Assim chocamos com todos os postes. Era isto que Jesus queria dizer. Hoje, o leitor reze por vistas largas.

Sáb, 17 – SANTA ISABEL DA HUNGRIA (Memória)

3 Jo 5-8 / Slm 111 (112), 1-6 / Lc 18, 1-8

Mas quando voltar o Filho do homem encontrará fé sobre a terra? (Evang.)

Jesus devia estar muito desanimado com a fé dos seus discípulos. Estará desanimado com a nossa falta de fé? Talvez não. Mas talvez, entre os leitores, haja alguém com uma crise de fé. E nós, os outros leitores, vamos rezar por esse(s) alguém que está com dificuldades na sua fé e que sabe que hoje os leitores estão a rezar por ele.

Dom, 18 – DOMINGO XXXIII DO TEMPO COMUM – Ano B **Dia Mundial dos Pobres / Último Dia da Semana dos Seminários**

Dan 12, 1-3 / Slm 15 (16), 5.8-11 / Hebr 10, 11-14.18 / Mc 13, 24-32

O Evangelho deste domingo é parte do «discurso escatológico» que S. Mateus nos apresenta no capítulo 13 do seu Evangelho. Depois de falar dos sinais que antecederão o fim dos tempos, Jesus recorda-nos que virão perseguições para os seus discípulos, que Jerusalém será destruída e que virão falsos messias afirmando vir em nome de Deus. Depois destas coisas, vem a *grande promessa de Jesus*: «Então, hão de ver o Filho do homem vir sobre as nuvens». É para este grande encontro que toda a humanidade está a ser conduzida. Todos e cada um de nós somos pacientemente conduzidos pelo Pai para o encontro final e definitivo com o Filho. Toda a criação avança em direção à revelação de Cristo,

o Filho do Homem, no qual todos estamos em comunhão uns com os outros e, juntos, com o Pai.

Esta é uma grande certeza que Cristo nos deixa: no fim não está o vazio, mas o Amor. No fim da nossa vida não está a escuridão, mas a luz, não está a solidão, mas a comunhão. Às vezes, pensamos no fim do mundo como uma coisa terrível e temível, mas o fim do mundo, a sua finalidade última é ser o lugar onde cada um de nós encontra em Deus o seu Pai e em cada pessoa um irmão ou uma irmã. O fim do mundo é o amor; é a revelação plena e definitiva de Deus como Pai; não é um evento do qual devemos ter medo, mas algo que todos somos convidados a desejar. Por isso, S. Paulo e a

comunidade cristã primitiva nos desafiam a rezar sempre dizendo: «Maraná thá; vem, Senhor Jesus».

Não vale a pena estarmos preocupados com o fim dos tempos, isto é, o fim do mundo no sentido cósmico: não sabemos nem o dia nem a hora e não nos devemos deixar enganar pelos falsos profetas da desgraça. Jesus previne-nos disto mesmo. Para nós, o que é de facto importante é sabermos que Cristo realiza na Cruz a sua glória. Que é na Cruz que se manifesta o poder, a glória e o juízo de Deus. É a Cruz a chave de leitura de toda a história; é a Cruz a chave de leitura da nossa vida. A primeira vinda do Senhor revela-nos o mistério do Amor manifestado na sua paixão, morte e ressurreição. Agora sabemos que O podemos encontrar vivo e operante em cada um dos nossos irmãos.

Sabemos que Ele vem para manifestar a sua glória e o seu poder aparecendo *sobre as nuvens*. Jesus, o Filho do Homem, é o verdadeiro Juiz de toda a história, o juiz da nossa vida: é na Cruz que se revela e manifesta o Juízo do Pai, que é o juízo do Filho que Se faz nosso irmão, que dá a vida por todos nós, pecadores, para nos salvar. Este é o poder pleno da glória divina. O Poder divino é o poder do Amor, é o poder do perdão e da misericórdia. É este o futuro do cosmos: a revelação do poder de Cristo.

Nós, como discípulos de Cristo, conhecemos o nosso justo Juiz e sabemos qual é o seu justo juízo! Somos, assim, chamados a viver com confiança e esperança a própria vida do Filho, tendo como critério o Amor do Filho pelo Pai e por cada um de nós, seus irmãos.

Seg, 19 - SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM

Ap 1, 1-4; 2, 1-5a / Slm 1, 1-4.6 / Lc 18, 35-43

Ao ver o sucedido, todo o povo deu louvores a Deus. (Evang.)

Habituar-mo-nos a agradecer a Deus o que acontece, as manifestações de amor, as manifestações de beleza, de alegria, as boas notícias, pedir pelas más, agradecer a amizade. Quando puder, o leitor faça este exercício: ao ouvir (ler) as notícias, agradeça as boas. Talvez não seja muito fácil, porque a maioria das notícias ou são más ou neutras, mas ainda vai havendo boas notícias. O leitor agradeça-as.

Ter, 20 – SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM

Ap 3, 1-6.14-22 / Slm 14 (15), 2-3ab.3cd-4ab.5 / Lc 19, 1-10

O Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido. (Evang.)

E noutra passagem Jesus aplica a Si mesmo o texto do profeta Isaías (Mt 12, 18ss) que diz que não vem partir a cana rachada nem apagar a torcida que ainda fumeja. Jesus vem tratar de nós com uma delicadeza infinita. Nós também devemos acolher o que está perdido. Pode não ser as próprias pessoas, mas notícias que nos chegam do que está «perdido»: amigos, filhos de amigos, solitários conhecidos, pessoas à deriva, etc. E podemos, dentro de nós, ter um santuário para rezar por elas.

Qua, 21 – APRESENTAÇÃO DE NOSSA SENHORA (Memória)

Ap 4, 1-11 / Slm 150, 1-6 / Lc 19, 11-28

Não queremos que ele reine sobre nós. (Evang.)

Mateus aproveita esta frase da parábola para simbolizar a recusa dos fariseus em aceitarem a realeza divina de Jesus. E o leitor aceita a realeza de Jesus, a sua onipotência? Quanto a isto, eu só lhe posso dar o meu testemunho, mas tenho visto que Deus me ajuda no meu progresso interior, quando Lhe peço. Deus põe-me a render se eu quiser colaborar e se eu pedir com perseverança. (Jesus também nos fala da importância de pedirmos com perseverança.) O leitor trace objetivos e peça com perseverança.

Qui, 22 – SANTA CECÍLIA (Memória)

Ap 5, 1-10 / Slm 149, 1-6.9 / Lc 41-44

Se ao menos hoje conhecesses o que te pode dar a paz. (Evang.)

O leitor peça a Deus que lhe mostre o que lhe pode dar a paz. No caso da cidade de Jerusalém, era «reconhecer o tempo em que tinha sido visitada». Às vezes, no nosso caso, é resolvermos um problema de consciência. Outras vezes, é uma tentação que não nos deixa «em paz». Mas uma forte ligação a Deus dá-nos paz. O leitor peça a Deus que o ensine a descansar n'Ele.

Sex, 23 – SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM

Ap 10, 8-11 / Slm 118 (119), 14.24.72.103.111.131 / Lc 19, 45-48

Como são doces [...] as vossas palavras, mais que o mel para a minha boca. (Salmo)

As palavras de Deus são para ser saboreadas como um alimento muito forte, de maneira que esse alimento seja, de cada vez, todo assimilado pelo nosso corpo espiritual. Assim, as palavras de Deus devem permanecer connosco muito tempo, até perderem o seu sabor. Quer dizer, não devemos passar à frente enquanto determinada passagem nos disser alguma coisa. O mesmo se aplica a estes comentários. O leitor não tem que passar a outro só porque é um novo dia. Pode ficar com o anterior até esse perder o sabor.

Sáb, 24 – SANTO ANDRÉ DUNG-LAC E CC., mm. (Memória)

Ap 11, 4-12 / Slm 143 (144), 1-2.9-10 / Lc 20, 27-40

Não é um Deus de mortos, mas de vivos. (Evang.)

Logo, temos de estar «vivos». O que quererá isso dizer? Que temos de ter vida interior. Uma vida com alegria, imaginação, pensamento criativo, rotina quebrada. Um santo triste é um triste santo. Um bom católico é um católico alegre, cheio de vida. Não necessariamente extrovertido, mas cheio do Espírito Santo. Hoje, o leitor peça para ter (ainda) mais entusiasmo pelo Reino.

Dom, 25 – NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO (Solenidade) – Ano B

Dan 7, 13-14 / Slm 92 (93), 1-2.5 / Ap 1, 5-8 / Jo 18, 33b-37

Hoje celebramos a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. Com esta solenidade conclui-se o ano litúrgico. Mas o que significa dizer que Jesus Cristo é o Rei do Universo? Para nos ajudar a compreender o signifi-

cado desta festa, o Evangelho de hoje oferece-nos um diálogo entre Jesus e Pilatos que nos permite entender um pouco melhor a verdadeira *realidade* de Jesus Cristo.

Na verdade, é no mistério da Paixão, Morte e Ressurreição que se

revela plenamente Jesus Cristo. No Evangelho de hoje, retirado da narração da Paixão, Jesus revela-Se como nosso Rei. Mas a *realeza* de Deus não se baseia na violência ou na opressão, não nos é imposta pela força, antes proposta pelo amor exposto no serviço. Jesus é o Rei, sim, mas não como os reis deste mundo. O seu poder não Lhe é dado pelo mundo, mas por Deus que é Amor. Ele vem como Rei e mete-Se ao nosso serviço. Servir é o modo de ser do Amor. Ele vem ao mundo para restituir a nossa verdadeira humanidade.

Ele, o nosso Rei, vem para nos revelar que a nossa verdade se manifesta no modo como nos relacionamos uns com os outros e não nas coisas bonitas que dizemos. A ideia que temos de rei ideal revela a imagem que temos de uma vida realizada. Se para nós uma boa vida seria aquela em que temos poder, somos reconhecidos pelos nossos méritos e todos seguem a conduta que *nós* consideramos melhor, então é provável que pensemos que o nosso rei deve ser poderoso, forte e reconhecido por todos; que premeia aqueles que seguem as suas regras e castiga os que as não cumprem. Assim seria um rei do nosso mundo.

O que é o seu Reino? Diz-nos Santo Agostinho que o *seu Reino*

«são os que acreditam n’Ele, aqueles a quem Ele diz: Não sois do mundo, tal como Eu não sou do mundo (Jo 17, 16). E, contudo, Ele quer que estejam no mundo e diz ao Pai: “Não te peço que os retires do mundo, mas que os guardes do mal” (Jo 17, 15). É que Ele não disse: “O meu Reino não está neste mundo”, mas sim “não é deste mundo; se fosse deste mundo, os meus servos viriam combater para que Eu não fosse entregue”».

O Reino de Jesus não é deste mundo, isto é, não tem a sua origem neste mundo! O seu Reino tem a sua origem no Pai, não tem a sua origem na força, mas no amor. A realeza de Jesus é a realeza da mansidão e da humildade, da justiça do Amor e do serviço da vida. A sua realeza não é deste mundo, mas *está* neste mundo. Não somos deste mundo, isto é, não pertencemos a este mundo, mas, pertencendo ao Pai, estamos neste mundo e o Reino de Cristo passa por nós. Compete-nos fazer com que o Reino de Cristo seja a regra das nossas relações e das nossas opções. Instauramos o Reino sempre que somos *mansos e humildes de coração*, sempre que trabalhamos pela justiça do Amor e nos metemos ao serviço da vida. Somos do Reino sempre que o Amor nos move à ação.

Seg, 26 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM

Ap 14, 1-3.4b-5 / Slm 23 (24), 1-6 / Lc 21, 1-4

... deram do que lhes sobrava. (Evang.)

Todos nós damos do que nos sobra, a não ser que vamos passar privações para dar. Não teremos vocação para trapistas. Mas o dar não é só o sentido material. Todos nós temos de ver o que podemos dar e podemos não dar. Há extrovertidos que nunca estão com a família ou que nunca ajudam em casa, porque arranjam mil e uma coisas para fazer. Há introvertidos que nunca (?) saem do seu conforto. Cada um sabe de si. Hoje, o leitor faça um exame de consciência.

Ter, 27 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM

Ap 14, 14-19 / Slm 95 (96), 10-13 / Lc 21, 5-11

O Senhor vem julgar a terra. (Salmo)

Interpretemos o refrão desta maneira: «O Amor vem julgar a terra», pois que em Deus não há senão amor. O nosso julgamento vai ser sobre o quanto amámos. É o que nos diz S. João da Cruz. Hoje, vamos ver como amamos na realização de tarefas. Quanto é o amor que pomos na realização de tarefas, porque se há tarefas que executamos com mais alegria, também há aquelas tarefas que são muito enfadonhas, muito cansativas. E essas também merecem o nosso amor.

Qua, 28 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM

Ap 15, 1-4 / Slm 97 (98), 1-3ab.7-9 / Lc 21, 12-19

Sobre o mar de cristal, estavam de pé os vencedores do Monstro. (1ª Leit.)

Faça o leitor de conta que anda sempre envolto com os vencedores do Monstro. Quatro anjos que são os vencedores do Monstro. E que nenhum mal lhe pode chegar. Não seria isto formidável? Olhe que de certa maneira isto já acontece. Há uma parte do leitor onde o mal não chega. A parte onde mora Deus. O leitor pode ser afligido pelo mal, mas há sempre aquele reduto em que o mal não penetra. O leitor tome bem consciência disso e agradeça isso a Deus.

Qui, 29 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM

Ap 18, 1-2.21-23; 19, 1-3.9a / Slm 99 (100), 2-5 / Lc 21, 20-28

Erguei-vos e levantai a cabeça, porque a vossa libertação está próxima. (Do Aleluia)

Mesmo no meio do pecado, devemos andar de cabeça levantada. Não é bem no meio do pecado. É depois de nos termos arrependido. Depois de nos termos arrependido, devemos continuar de cabeça levantada, porque a nossa libertação está próxima.

Sex, 30 – SANTO ANDRÉ, Apóstolo (Festa)

Rom 10, 9-18 / Slm 18 A (19 A), 2-5 / Mt 4, 18-22

... deixando o barco e o pai, seguiram-No. (Evang.)

Sabemos que depois os discípulos voltaram a pescar. Mesmo durante a vida pública de Jesus. Às vezes, pensa-se que para seguir Jesus é preciso deixar tudo para sempre. O que é preciso é deixarmo-nos conduzir por Jesus. Às vezes, o medo é um empecilho grave. Muitas missões implicam um grande abandono porque parece (a algumas personalidades) que a tarefa é grande demais para os ombros que a vão carregar. Acho que, neste caso, o abandono não é sentarmo-nos e esperar que Deus Se ponha dentro de nós e nos faça mexer. É termos confiança no caminho. Como é que o leitor tem encarado esta coisas?